

pelo parque, relatou-me uma experiência por que passara naquela região.

Durante a Primeira Guerra Mundial, contou ele, tivera um choque causado por bombardeio ou um colapso nervoso: nunca tinha certeza de que estava fazendo o que deveria.

“Quando eu estava pintando um quadro — ele explicou — achava que deveria estar cuidando de minha conta bancária. Quando estava cuidando de minha conta bancária, pensava que deveria sair para uma caminhada. E quando, no meio de uma longa caminhada, chegara a três quilômetros de casa, concluía que deveria estar, naquele momento, diante de meu cavalete. Estava constantemente em fuga, um exilado em todos os lugares.

“Aconteceu então que, nessa época, eu e meu criado africano, em nossas viagens pelo Marrocos, chegamos a uma pequena cidade ou povoado. Não posso descrever bem a cidade para você, parecia-se com qualquer outro lugarejo do norte da África. Ficava em uma planície rasa e não passava de um agrupamento de choupanas feitas de barro, com um velho e largo muro de barro à volta. A única coisa digna de nota de que me lembro é da grande profusão de cegonhas que lá havia; um ninho de cegonhas em quase cada uma das casas. Porém, no momento em que ultrapassei o portão que cortava o muro, senti que aquele era um local de refúgio. Caiu sobre mim uma calma estranha e bem-aventurada, uma felicidade como a que se sente quando a febre nos deixa. ‘Aqui’, pensei, ‘se pode ficar.’

“Quando já fazia duas semanas que eu me encontrava na cidade, todo o tempo naquela mesma doce paz de espírito, sem fazer caso do passado ou do futuro, num dia em que estava outra vez pintando um quadro, um homem idoso, um sacerdote, aproximou-se e falou-me.

— Ouvi de seu criado — disse ele — que você encerrou suas perambulações e ficará conosco, pois aqui encontrou repouso.

“Respondi-lhe que era como ele dizia, mas que não conseguia explicar a mim mesmo por que deveria ser assim.”

— Senhor — disse o velho — eu lhe explicarei. Há algo de especial com relação à nossa cidade, aconteceram coisas aqui que não aconteceram em nenhum outro lugar. Tudo isto não se deu quando eu era menino, mas quando meu pai era um menino de doze anos, e ele contou-me exatamente como foi. Volte seus olhos para o portão no muro atrás de nós. Acima dele, verá uma saliência onde dois homens podem se sentar, pois outrora sentinelas ficavam ali à espreita de inimigos que poderiam aproximar-se através da planície. Para esta mesma saliência vieram o Profeta em pessoa e o profeta de vocês, Jesus Cristo. Encontraram-se aqui para conversar sobre o destino dos homens na Terra e sobre os meios pelos quais o povo da Terra poderia ser ajudado. Aqueles que se encontravam abaixo deles não podiam ouvir o que diziam um para o outro. Mas podiam ver o Profeta, enquanto explicava seus pensamentos, batendo a mão no joelho e, logo a seguir, Jesus Cristo erguendo a mão e respondendo-lhe. Ficaram ali sentados, absortos na conversa, até que a noite caiu e as pessoas não mais podiam vê-los. E foi desde então, senhor, que nossa cidade passou a ter paz de espírito para dar.

“Duvido”, disse o sr. Philpot, “que um ministro da Igreja Anglicana contasse esta história.”

Como todos os muçulmanos, Farah não sentia medo. Os europeus chamam essa maneira islâmica de encarar a vida de fatalismo. Pessoalmente, não acho que os seguidores do Profeta vejam os acontecimentos da vida como algo de predeterminado, e portanto inevitável. Não têm medo porque estão seguros de que aquilo que acontece é o melhor.

Farah, em um dos meus primeiros anos na África, ficou ao meu lado quando um leão ferido atacou — “atacou de volta para casa” — como dizem os caçadores, significando que então só a morte irá detê-lo. Farah não trazia consigo uma espingarda, e creio que, naquela época, tinha apenas uma leve confiança em minha pontaria. Mas ele não se mexeu. Imagino que sequer tenha piscado. A sorte permitiu